

JOANA DE SOUZA CAMPELO

Construção de Situações Urbanas

**Brasília
2013**

JOANA DE SOUZA CAMPELO

Construção de Situações Urbanas

Trabalho de conclusão do curso em Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof^a. Me.Cecília Mori

**Brasília
2013**

Dedicatória

Ao meu amor Ricardo Amaral
In memoriam

Agradecimentos

À orientadora deste projeto, Profª Me **Cecília Mori**, suas ideias, dicas e conhecimento transmitido. Agradeço suas ideias, sua crença no meu trabalho e o acompanhamento e incentivo em todas as etapas desta pesquisa.

A todos os professores do Departamento de Artes Visuais, em especial à **Vicente Martinez, Elisa Martinez, Christus Nóbrega, Marília Panitz, Luiza Gunther, Rosana de Castro e Tereza Losada**.

Ao meu pai **Carlos Campelo**, seu exemplo de sabedoria e concentração, seu conhecimento e incentivo em toda minha vida.

À minha mãe **Marly Campelo**, sua sensibilidade estética e sua grande ajuda em minha vida.

Aos meus filhos **Pedro e Luanda**.

Às amigas **Wandinha e Ana Isaura**, seus exemplos, conquistas e incentivo.

A todos os colegas da Licenciatura.

Lista de Figuras

Figura 1 - Ralph Rumney. Os fundadores da Internacional Situacionista. Giuseppe Pinot Gallizio, Piero Simondo, Elena Verrone, Michèle Bernstein, Guy Debord, Asger John e Walter Olmo - 1957.....	18
Figura 2 - Levantamento de todos os trajetos efetuados durante um ano por uma estudante de Paris. Publicado por Chombart de Lauwe em <i>Paris et l' agglomération parisienne</i>	19
Figura 3 - Uma zona experimental para a deriva. O centro de Amsterdã, explorado sistematicamente por equipes situacionistas em abril-maio de 1960.....	19
Figura 4 - Joseph Nicéphore Niépce - <i>Vista da Janela em Le Gras</i> - 1826.....	21
Figura 5 - Marcel Gautherot - <i>Ministérios em construção</i> – 1958.....	24
Figura 6 - Marcel Gautherot - <i>Congresso Nacional</i> - 1962 - 1967.....	24
Figura 7 - Luís Humberto - <i>Congresso</i> - Brasília - 1975.....	26
Figura 8 - Luís Humberto - <i>Do Lado de Fora da Minha Janela, do Lado de Dentro da Minha Porta</i> - 1971.....	26
Figura 9 - Andreas Gursky - <i>Plenarsaal I</i> - Brasília - 1994.....	28
Figura 10 - Andreas Gursky - <i>Plenarsaal II</i> - Brasília - 1994.....	28
Figura 11 - Joana Campelo - <i>Uma Flor</i> - 2011.....	29
Figura 12 - Joana Campelo - <i>Emaranhados</i> - 2012.....	29
Figura 13 - Joana Campelo - <i>Cubos Brancos</i> - 2012.....	30
Figura 14 - Joana Campelo - <i>Sem Título</i> - 2012.....	31

Figura 15 - Athos Bulcão - *Painel de azulejos da Igreja Nossa Senhora de Fátima*
1957.....32

Figura 16 - Athos Bulcão - *Painel de azulejos do Parque da Cidade-Brasília-1985....32*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 - EDUCAÇÃO.....	10
1.2 - ARTE-EDUCAÇÃO.....	11
1.3 - PROPOSTA DE ENSINO.....	13
2 - PERCEPÇÃO.....	15
2.1 - INTERNACIONAL SITUACIONISTA.....	17
2.2 - PAISAGEM URBANA.....	20
2.3 - BRASÍLIA.....	22
3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
ANEXO.....	36
BIBLIOGRAFIA.....	38

INTRODUÇÃO

A fotografia, o envolvimento com a cidade e a arte-educação estão entrelaçados neste trabalho. O objetivo geral é propor a linguagem fotográfica como ferramenta didática a partir do desenvolvimento de atividades educacionais que fomentem diálogos de conteúdos sociais, culturais, artísticos e históricos.

Com a grande evolução tecnológica verificada nos tempos recentes, a adoção de ferramentas como a fotografia nos processos educacionais visa, dentre outras questões, despertar o interesse do corpo discente em produções artísticas, de forma a educar o olhar, tornando-o mais poético, desenvolver a sensibilidade visual, a criação, a expressão artística e incentivar uma reflexão crítica sobre seu espaço no mundo e suas relações no ambiente cotidiano, escolar e na própria vida.

A cidade é o referencial poético, por ser um ambiente que oferece ao nosso olhar múltiplos elementos de valor estético que se manifestam por variadas linguagens, como a arquitetura, o traçado urbanístico, as luzes e as cores, as fachadas dos prédios, as propagandas em cartazes e outdoors, entre muitos outros. A eles nos é facultado o acesso diário, uma vez que fazem parte do nosso ambiente cotidiano, e, portanto, podem ser usados como material didático para as aulas de linguagens artísticas e de História da Arte.

O trabalho busca incentivar uma exploração artística desses elementos com a utilização da fotografia para sua descoberta e exploração. Trata-se de estimular a percepção e atenção dos alunos para paisagens urbanas do cotidiano de Brasília e paralelamente relacioná-las a dados históricos, culturais, sociais artísticos e arquitetônicos da cidade.

O movimento Internacional Situacionista – IS – que engloba diferentes áreas como filosofia, artes, literatura e política, dialoga com esta proposta no que se refere a uma diferente visão de experimentação do urbanismo, visto aqui não só como a área do conhecimento de pensamentos, métodos e técnicas da organização e racionalização das populações humanas, mas como uma forma de expressão natural da criatividade coletiva. Dessa forma, se faz importante o estudo da IS como elemento articulador dos conteúdos de artes visuais e das discussões interdisciplinares com as demais áreas de atuação do corpo discente.

Assim, o foco educacional desta pesquisa se fundamenta na visão da arte-educação, que se baseia em três eixos norteadores: o fazer artístico (produção), a

apreciação da arte (fruição) e a construção de conhecimento sobre o trabalho artístico (reflexão). Desse modo, a arte-educação contribui para a integração entre a produção artística, a pesquisa teórica e o ensino, atividades que se relacionam, se entrelaçam e se complementam.

Para tanto, a proposta da presente pesquisa se destina a alunos de uma faixa etária entre 13 e 18 anos, ou seja, em princípio, a alunos dos dois últimos anos do Ensino Fundamental (8º e 9º ano) e do Ensino Médio (1º, 2º e 3º ano). Na idade estabelecida, é possível fomentar possíveis discussões em sala de aula que relacionem o olhar artístico à cidade e paralelamente abordar aspectos transdisciplinares, como os listados anteriormente. Entretanto, trata-se de uma proposta adaptável a oficinas e cursos fora do ambiente escolar, a jovens e adultos.

No corpo deste trabalho, após breve consideração sobre o conceito de educação e da sua relação com a arte, será apresentada a proposta educacional, que visa incentivar, no corpo discente, o desenvolvimento de um olhar crítico e de um pensamento artístico.

1 - EDUCAÇÃO

Sobre o conceito de educação, o filósofo e educador José Carlos Libâneo observa que “a prática educativa é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades.” (LIBÂNEO, 2004, p. 17). A partir dessa noção de Libâneo, pode-se concluir que a educação é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo em sociedade e que está presente nas mais variadas áreas e culturas.

O processo de educação abrange a construção e apreensão de conhecimento, a aprendizagem e o desenvolvimento de conteúdos nos diferentes ambientes sociais. A educação não se limita somente ao âmbito educacional, mas compreende todas as práticas no processo de formação de um indivíduo, iniciando-se no ambiente familiar e estendendo-se a dimensões sociais, escolares culturais e profissionais.

Pode-se compreender que transformar indivíduos em cidadãos implica na transmissão e assimilação de informações e vivência de novas experiências referentes a novos hábitos, valores, atitudes e comportamentos, (GOHN, 2001) que são fundamentais e necessários para prepará-los para uma formação ativa e crítica na vida social. Os resultados desse processo refletem em todas as áreas de atuação do ser humano: na família, na escola, na comunidade e na sociedade.

A partir dessa visão sobre o que é educação, se torna possível trabalhar, com os estudantes do ensino fundamental, a fotografia no meio urbano, tendo como base as experiências situacionistas na cidade. Essas experimentações, relacionadas a embasamentos teóricos, tem por finalidade discutir assuntos transdisciplinares e fomentar nos alunos a possibilidade de tornarem-se cidadãos conscientes e criativos.

1.2 - ARTE - EDUCAÇÃO

Na última década houve um aumento de pesquisas de educação baseadas na arte, que engloba, por exemplo, narrativas, biografias e autobiografias e outras formas de manifestações. Para muitos educadores, a arte abriu uma nova gama de possibilidades na construção de significados na área de educação e recorrem a ela para ampliar sua compreensão de ideias e práticas educacionais.

A atual legislação educacional brasileira reconhece que o ensino e aprendizagem da arte é tão importante quanto outras áreas de conhecimento na formação e desenvolvimento de crianças e jovens. No ano de 1996, a Lei de Diretrizes Bases (LDB nº 9394/96) estabeleceu o ensino da arte no Brasil como componente curricular obrigatório em todos os níveis da educação básica com o fim de promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

O Parâmetro Curricular Nacional também destaca a importância do estudo da arte na educação, não apenas no aspecto de ensino e aprendizagem de conteúdos da área de artes, mas como manifestação humana e, a partir dessa noção, estabelece em seus fundamentos que:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (Parâmetros Curriculares Nacionais - 1997, p.19)

Atualmente, as artes visuais incluem tanto as linguagens artísticas tradicionais (desenho, pintura, escultura e gravura) quanto aquelas que surgiram posteriormente (fotografia, cinema, vídeo, computação, artes gráficas e a performance, por exemplo).

Dentre essas várias linguagens artísticas, a fotografia foi eleita para este trabalho por entendermos que ela vai além de seu caráter documental e objetivo, trata-se, no entanto, de uma forma de expressão subjetiva, um meio que pode comunicar não só o que se vê, mas também como se vê.

Sob esse ângulo, esta proposta busca explorar uma visão artística do aluno a partir das inúmeras possibilidades que a fotografia oferece, já que um mesmo referencial pode ser capturado sob diversos pontos de vista. A ideia é que o aluno esteja apto à criação e construção de formas visuais, objetivos propostos no PCN, com a utilização da fotografia e da performance como ferramentas didáticas.

1.3 - PROPOSTA DE ENSINO

A fotografia está cada vez mais presente no cotidiano particular da geração atual, principalmente com a incorporação da câmera fotográfica aos aparelhos celulares. Há, nos dias de hoje, uma compulsão para fotografar todos os momentos e muitas vezes, compartilhá-los nas redes sociais. Apesar de, na maioria das vezes, tratar-se de registros comuns, banais e clichês, não há dúvida de que, paralelamente, esse fenômeno, está acompanhado de um significativo interesse pela prática fotográfica, o que torna oportuno o desenvolvimento do olhar poético na fotografia nas aulas de artes visuais.

Esta proposta educacional tem como ponto de partida uma contextualização teórica sobre a fotografia e diversos conceitos que a ela se relacionam, dos pontos de vista histórico, conceitual e artístico, que serão abordadas em aproximadamente três aulas (com duração de 50 minutos cada aula). Essas aulas visam fundamentar, no corpo discente, uma análise reflexiva sobre diferentes questões que a prática fotográfica engloba, com o intuito de familiarizá-lo com esta ferramenta, dar-lhe acesso a sua história, tanto no âmbito técnico como estético, assim como a um grande acervo de imagens e trabalhos de fotógrafos. Também objetivam promover debates e discussões sobre a cidade, como espaço de convívio da sociedade com suas manifestações culturais, ambiente no qual se dará as experimentações estéticas.

O embasamento teórico visa estimular o pensar fotográfico assim como exercitar o olhar crítico do aluno, pois apesar do foco da proposta estar na produção prática, a construção de um diálogo entre esta e a reflexão teórica é fundamental para seu desenvolvimento, já que a fotografia não se restringe somente ao ato em si de fotografar, mas igualmente à reflexão deste ato. O olhar crítico se constrói quando o aluno apreende os conceitos construídos no ambiente escolar e os associa a suas experiências individuais e sociais.

Em seguida será ministrada uma aula sobre a história de Brasília, cidade onde se realizará esta proposta. Serão abordados seu planejamento, sua criação e seu desenvolvimento, propondo uma análise sobre a cidade na atualidade, apontando os desdobramentos e rupturas de seu planejamento, seu crescimento desenfreado, etc. Esta aula visa relacionar a arte a outras disciplinas que podemos considerar como transversais, como arquitetura e história.

Essas aulas introdutórias funcionam, assim, como suporte, tanto no processo da pesquisa como no processo de criação artística. Na elaboração teórica geram o entendimento do objeto de interesse, de suas influências e das diversas abordagens que o envolvem. No ato de fotografar tornam-se instrumento orientador nas escolhas feitas para a concretização dos resultados desejados.

Em anexo, foi inserido um plano de aula, passível de adaptações conforme o período de tempo a realizar-se e conforme a resposta da turma à proposta.

2 - PERCEPÇÃO

Vejo, sinto, portanto noto, olho e penso.

Roland Barthes

A percepção é um dos elementos fundamentais da prática fotográfica. Perceber é uma apreensão que vai além do olhar, abrange também outros sentidos. Franklin Leopoldo e Silva, professor de filosofia da Universidade de São Paulo, em entrevista transmitida na Univesp TV em 18/01/2010, distingue o olho físico de um outro tipo de olho que denomina de olho espiritual. A percepção abre o olho espiritual para o mundo visível e nos faz ver também o invisível, tornando-o a “janela da alma”, mediante a qual podemos sentir o que vemos. É o que Nelson Brissac Peixoto chama de vidência, tema constantemente explorado em seu livro *Paisagens Urbanas*, de 1988. Neste livro, o autor enfatiza que, para que seja possível captar além da aparência, do habitual e do clichê, se faz necessário substituir o olhar comum pela vidência. (BRISSAC, 1998, p.34).

O passeio pela cidade é o momento em que o aluno exercita, de modo consciente ou não, o seu olhar. Ele se depara com uma gama de elementos sensoriais e visuais que a cidade oferece. É importante que os alunos percebam o espaço urbano e a experimentem como um viajante, um explorador que a sente a partir das primeiras impressões que tem ao chegar ao local visitado, contemplando-o como paisagem. Trata-se de perceber a cidade não só com o olhar, mas de apreendê-la com os outros sentidos, como uma criança atraída, com uma inesgotável imaginação, por tudo aquilo que nunca havia visto antes; sentir seus cheiros, seus ritmos, suas vibrações, ouvir seus ruídos, apreender suas formas e começar a captá-la a partir de novos enquadramentos. (BRISSAC, 1998, p.23-24)

O propósito deste trabalho é que o aluno esteja apto a praticar e, portanto ampliar sua percepção com a fotografia; e a partir deste exercício criar um repertório imagético que se estrutura e se armazena em sua memória visual tornando o olhar mais consciente, e, com isso, mais sensível, treinado, crítico e aguçado para encontrar o que busca.

Antes das aulas práticas, haverá uma aula preparatória para as saídas a campo. Nessa aula, serão discutidas questões presentes no trabalho, que se relacionam entre si. Serão abordados o conceito de percepção, de paisagem urbana e

diferentes formas de experimentação desse espaço, tendo como base os ideais do movimento Internacional Situacionista.

2.1 - INTERNACIONAL SITUACIONISTA

Esta pesquisa se relaciona com os ideais da Internacional Situacionista, movimento criado no final da década de 1960 na Itália, a partir da fusão de três grupos de vanguarda artística: *Internacional Letrista*, o *Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista* e a *Associação Psicogeográfica de Londres*.

A Internacional Situacionista era uma frente revolucionária que almejava grandes transformações sociais, culturais, políticas e artísticas, relacionando-se com a agitação francesa da época e mantendo contato com grupos marxistas. No âmbito artístico, o movimento inicialmente foi influenciado pelo Dadá e pelo Surrealismo, tendências que posteriormente passou a criticar e a procurar superá-los. A respeito da IS, Paola Berenstein Jacques, organizadora das ideias situacionistas no livro *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*, 2003, assinala:

A Internacional Situacionista (IS) – grupo de artistas, pensadores e ativistas – lutava contra o espetáculo, a cultura espetacular e a espetacularização em geral, ou seja, contra a não-participação, a alienação e a passividade da sociedade. O principal antídoto contra o espetáculo seria o seu oposto: a participação ativa dos indivíduos em todos os campos da vida social, principalmente no da cultura. (BERENSTEIN JACQUES, 2003, p. 13.)

Para os situacionistas, a revolução tinha que acontecer em todos os aspectos da vida e principalmente na relação direta com a cidade e com a vida urbana em geral. Suas experimentações do espaço urbano iam de encontro com a funcionalidade da arquitetura moderna, pois acreditavam que a própria sociedade deveria mudar a arquitetura e o urbanismo e não ao contrário.

Para tanto, os membros da IS utilizavam novos procedimentos, práticas e meios de apropriação da cidade como base para uma proposta de cidade situacionista: a psicogeografia, a deriva e a ‘construção de situações. E, desta última derivou o próprio nome do grupo.

Segundo o arquiteto, sociólogo e professor da USP, Carlos Roberto Monteiro de Andrade, “os participantes da IS proclamavam a deriva como modo de subversão da cidade, de seus direitos e de suas ideologias, dentre elas o urbanismo”. (MONTEIRO de ANDRADE, 2003, p. 11). Trata-se de uma técnica de caminhar sem

rumo pela metrópole, “de passagem rápida por ambiências variadas.” (BERENSTEIN JACQUES, 2003, p.65).

A psicogeografia, por sua vez, “é o estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos”. (BERENSTEIN JACQUES, 2003, p.65).

O diálogo que essa vertente mantém com este trabalho se dá nas questões que tratam da vida cotidiana, da relação entre vida e arte, das experiências na cidade e mais especificamente da arquitetura e do urbanismo: o meio urbano visto como terreno de ação, de produção e de novas formas de intervenção. As técnicas e os métodos situacionistas, como a deriva, o vagar pela cidade sem rumo definido, podem ser aplicados, ainda hoje, como um gatilho para novas experiências de apreensão do espaço urbano.



Figura 1 - Ralph Rumney. Os fundadores da Internacional Situacionista. Giuseppe Pinot Gallizio, Piero Simondo, Elena Verrone, Michèle Bernstein, Guy Debord, Asger John e Walter Olmo - 1957.

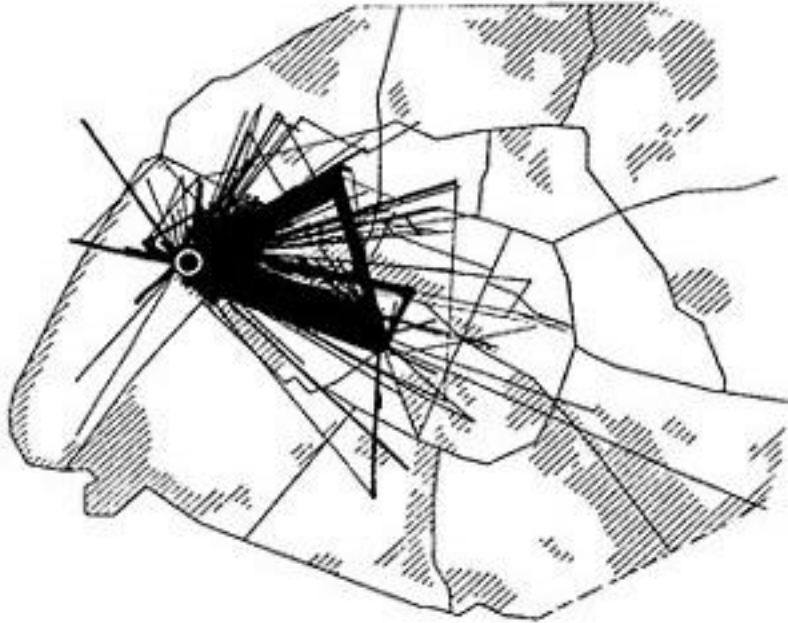


Figura 2 - Levantamento de todos os trajetos efetuados durante um ano por uma estudante que mora no XVI^{ème} arrondissement de Paris. Publicado por Chombart de Lauwe em Paris et l' agglomération parisienne.



Figura 3 - Uma zona experimental para a deriva. O centro de Amsterdã, explorado sistematicamente por equipes situacionistas em abril-maio de 1960.

2.2 - PAISAGEM URBANA

A paisagem pode ser definida como o conjunto de elementos de um determinado espaço externo que pode ser apreendido pelo olhar. Sob um ponto de vista artístico, as cidades são as paisagens do nosso dia a dia, cruzamentos entre diferentes espaços e tempos, suportes, imagens e dimensões. Monumentos históricos se misturam a diversas manifestações visuais contemporâneas no tecido urbano: fragmentos criam diversos entrelaçamentos de linguagens, onde o passado convive com o futuro e o moderno com o antigo. (BRISSAC, 1998, p. 12)

Uma cidade pode ser descrita de diversas formas: com palavras, desenhos, pinturas, fotografias, etc. A fotografia, comunica sem o uso de palavras, diz o que estas não podem dizer, o indizível. (BRISSAC, 1998, p. 27) Seu silêncio lhe confere um caráter atraente. Os elementos que a compõem falam por si mesmos, através de sua disposição, suas formas, suas texturas, seu significado e do tipo de exploração técnica utilizada, como o ângulo de visão, o enquadramento, o recorte, os contrastes tonais, o brilho, a opacidade, etc.

Vale ressaltar que a fotografia nasceu com vocação para a representação da cidade, pois a primeira imagem fotográfica da história foi de uma cena urbana. A relação entre ambas se deu no próprio momento da invenção da fotografia. Quando Joseph Nicéphore Niépce, em 1826, fixou uma impressão numa chapa de metal com o uso da câmera escura desde a janela de sua casa, não só inventou a fotografia, mas também criou a primeira imagem de uma paisagem urbana. A imagem ficou exposta à luz solar por cerca de oito horas sem intervenção manual, processo denominado heliografia, ação luminosa do sol sobre placas metálicas. A imagem tem um aspecto esfumado, como se estivesse sem foco como volumes de sombras e os contornos não são bem definidos, assemelhando-se a nuvens. (BRISSAC, 1998, p. 16, 19)



Figura 4 - Joseph Nicéphore Niépce - *Vista da Janela em Legras* - 1826.

A partir do estudo sobre o espaço urbano, na visão de Nelson Brissac, os estudantes podem experimentar a cidade de Brasília de uma outra forma que não seja a forma do cotidiano deles.

O próximo passo são as saídas a campo, que incluem visitas a museus, galerias, a espaços arquitetônicos e a diversos lugares, que darão, aos alunos, um primeiro contato perceptivo com a cidade, com a arquitetura, com a organização urbanística, e com as diversas informações e elementos visuais que a compõem.

Essas saídas a campo serão feitas em três aulas e têm como objetivos principais estimular a percepção particular de cada aluno, exercitar seu olhar para que procurem enxergar além da superfície, do comum, do habitual e do funcional e, desse modo, sugerir uma nova realidade estética da paisagem urbana. No caos urbano, espera-se mais atenção às formas, aos detalhes e aos fragmentos.

Como resultado, busca-se que a cidade ganhe uma nova aparência a partir dos diferentes modos de vê-la e captá-la. Isso se torna uma forma de fazer com que os alunos redescubram a paisagem urbana e revelem cenas, lugares e detalhes do cotidiano que, à primeira vista possam parecer banais e corriqueiros, e conduzi-los a rever sua realidade cotidiana, rever Brasília.

2.3 - BRASÍLIA

Brasília é o referencial urbano deste trabalho, já que é onde será realizado. Brasília não é uma cidade comum. É um fenômeno urbano único, especial, símbolo de uma utopia, um marco de modernidade. Foi inaugurada em 1960, seguindo o planejamento urbanístico de Lúcio Costa, o projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer e a concepção paisagística de Burle Marx.

Brasília é uma cidade jovem, instigante e particularmente fotogênica; tem sido muito fotografada desde o início de sua construção. Inúmeros registros históricos foram feitos desde os anos 50. São registros que, em muitos casos, vão além do seu mero aspecto documental, apresentando também uma dimensão estética.

A cidade apresenta várias facetas, inúmeras realidades diferentes que se contrapõem. A Brasília do Plano Piloto é a ‘cidade-modelo’, planejada segundo uma concepção modernista que, além de seus famosos monumentos, tem características peculiares, marcantes que a distinguem assim da grande maioria das cidades. Essas características vão desde traços arquitetônicos e urbanísticos a peculiaridades da natureza em que está integrada. (típicas da vegetação nativa e do clima local).

Entre as primeiras características destacam-se prédios de baixo gabarito que proporcionam uma visão ampla do céu, pilotis livres planejados para possibilitar espaços de circulação e convivência no térreo dos blocos das quadras, estruturas aparentes e variedade de cobogós. Entre as segundas, cabe citar os vastos horizontes do planalto, céu esplendoroso, diversidade da fauna e flora do cerrado, curvas dos troncos de algumas árvores, terra vermelha e espaços amplos, vazios, solitários e silenciosos.

A Brasília do Plano Piloto foi considerada pela Unesco Patrimônio Cultural da Humanidade em 1987, mas ao longo dos anos tem sido alvo de desrespeito e agressão a seu delineamento e estrutura do plano inicial. A cidade tem sido “maquiada” e muitas de suas características originais foram modificadas. Mas, existem outras cidades, bairros e periferias que são igualmente parte de Brasília, e que apresentam, em muitos casos, realidades bem diversas daquelas mencionadas acima.

A busca por melhores empregos e condições de vida no Distrito Federal gerou uma significativa expansão populacional e tendo em vista o alto custo de vida no Plano Piloto, migrou para as cidades-satélites, regiões administrativas e periferias, lugares

que, com frequência, apresentam realidades diversas da do Plano Piloto. Além dos centros urbanos e relativo desenvolvimento, encontram-se cidades, favelas e bairros pobres sem infraestrutura e em condições precárias de vida, que cresceram sem planejamento, de maneira desordenada.

Essas questões também serão abordadas nas aulas teóricas e, se possível, também nas saídas a campo, de forma a conscientizar os alunos e incentivá-los a refletir sobre essas diferenças.

No aspecto prático, conforme dito anteriormente, o objetivo é estimular o aluno a fugir do olhar do senso comum e a captar cores, formas, detalhes, movimentos, expressões e pessoas de Brasília em sua rotina do dia a dia, seja nas ruas, quadras residenciais, locais de trabalho ou nas cidades satélites, bairros periféricos e favelas. Caso os alunos optem por fotografar os famosos monumentos arquitetônicos, serão sugeridas capturas a partir de novos e variados ângulos de visão e enquadramentos.

A título exemplificativo, optei, entre os numerosos trabalhos de destacados fotógrafos, por inserir abaixo, imagens de três deles, altamente representativos, de diferentes épocas da história de Brasília. Essa imagens serão mostradas aos estudantes em sala de aula, para que conheçam peculiares modos de experimentar e ver os espaços públicos e privados da cidade.

As duas primeiras imagens são do fotógrafo francês Marcel Gautherot, que a convite de Niemeyer, frequentou e registrou os canteiros de obras de Brasília na época de sua construção, de 1958 até a sua inauguração em 1960, o que resultou num enorme trabalho documental, num total de 3.000 imagens, uma valiosa integração entre a fotografia e a arquitetura. Esses trabalhos, para além de seu aspecto meramente documental, alcançaram alto nível de expressão artística.

Apesar de tratar-se de registros documentais e históricos, as fotografias de Gautherot destacam-se pela simplicidade e organização precisa das formas, que resultam em composições equilibradas e conjuntos harmoniosos a partir de ângulos que conferem uma dimensão estética à cena fotografada, que ele buscava com paciência e elaboração. A perfeição técnica, a precisão de foco, sutilezas nos matizes de luz e sombra, texturas delicadas e requinte incomum são algumas das características de sua obra e constituem também seu diferencial.



Figura 5 - Marcel Gautherot - *Ministérios em construção* - 1958.



Figura 6 - Marcel Gautherot - *Congresso Nacional* - 1962 - 1967.

Em seguida, foram inseridas imagens do fotógrafo contemporâneo, professor e arquiteto brasileiro Luís Humberto, cuja obra se caracteriza pela precisão e simplicidade nos registros, pelo uso de uma linguagem instigante, provocativa, dinâmica e inventiva.

Atento ao menor movimento, ao gesto mais banal, Luís Humberto lida com o antagonismo entre a casa e a rua, entre a vida pessoal e a social, entre o retrato íntimo e o coletivo, numa perspectiva humanística e busca o acaso com sensibilidade inovadora.

Ao mesmo tempo em que, com um olhar irônico, flagra performances de figuras políticas, no âmbito das relações do poder e os desmistifica, desenvolve um trabalho paralelo no campo das relações pessoais. Na série *Do Lado de Fora da Minha Janela, do Lado de Dentro da Minha Porta*, ele abre as portas do seu lar e fotografa suas vivências pessoais, captando a beleza e a naturalidade da vida doméstica.

Ao fotografar seus filhos correndo felizes na Esplanada dos Ministérios e em frente ao Congresso Nacional, núcleo central do poder, onde estão concentradas as atividades oficiais, ele valoriza e privilegia a simplicidade da vida cotidiana e familiar. Nestas fotos, os cenários do poder tornam-se apenas uma tela de fundo para as brincadeiras das crianças.



Figura 7 - Luís Humberto - *Congresso* - Brasília - 1975.



Figura 8 - Luís Humberto - *Do Lado de Fora da Minha Janela, do Lado de Dentro da Minha Porta* - 1971.

Finalmente, foram inseridas duas imagens do fotógrafo alemão Andreas Gursky, considerado um dos maiores destaques na fotografia contemporânea. Gursky capta panorâmicas, em geral coloridas, de paisagens distantes. Espaços arquitetônicos, sítios industriais, estádios esportivos, multidões, hotéis, interiores são alguns de seus temas favoritos, pelo mundo afora, a partir de um patamar de observação que se tornou sua 'marca registrada'. Seu posicionamento permite ao espectador uma visão geral e abrangente do espaço registrado.

Interessam-lhe aproximações tanto micro como macroscópicas do mundo visual; ele explora os espaços vazios e os cheios. As formas e as cores, ordenadas por um ritmo, preenchem as imagens por completo e, quando há figuras humanas, aparecem minúsculas, criando assim um traço uniforme em suas imagens. Ao fotografar estruturas arquitetônicas, Gursky, em geral, adota tomadas frontais, enquanto ao captar multidões e paisagens busca tomadas superiores para a obtenção de uma visão geral e ampla.

Seus primeiros trabalhos tinham um formato de pequena dimensão, mas a partir dos anos 80, Gursky começou a ampliar suas fotografias em escalas monumentais e elevou seu trabalho a novas dimensões estéticas (suas fotos atualmente têm no mínimo 2m de altura e 5m de largura). Essas ampliações se impõem no ambiente e geram uma forma diferente de interação com o observador, despertando sua atenção e curiosidade.

Gursky participou de duas Bienais em São Paulo, a 25ª Bienal em 2002 e a 26ª Bienal em 2004. No Brasil, fez imagens de estruturas arquitetônicas; em São Paulo fotografou a Estação da Sé e o Edifício Copan e em Brasília captou imagens do Congresso.



Figura 9 - Andreas Gursky - *Plenarsaal I* - Brasília - 1994.



Figura 10 - Andreas Gursky - *Plenarsaal II* - Brasília - 1994.

Para finalizar, introduzi imagens de minha autoria, do trabalho desenvolvido em pesquisa do Mestrado, que se propõe registrar elementos formais e lineares que compõem a paisagem urbana.

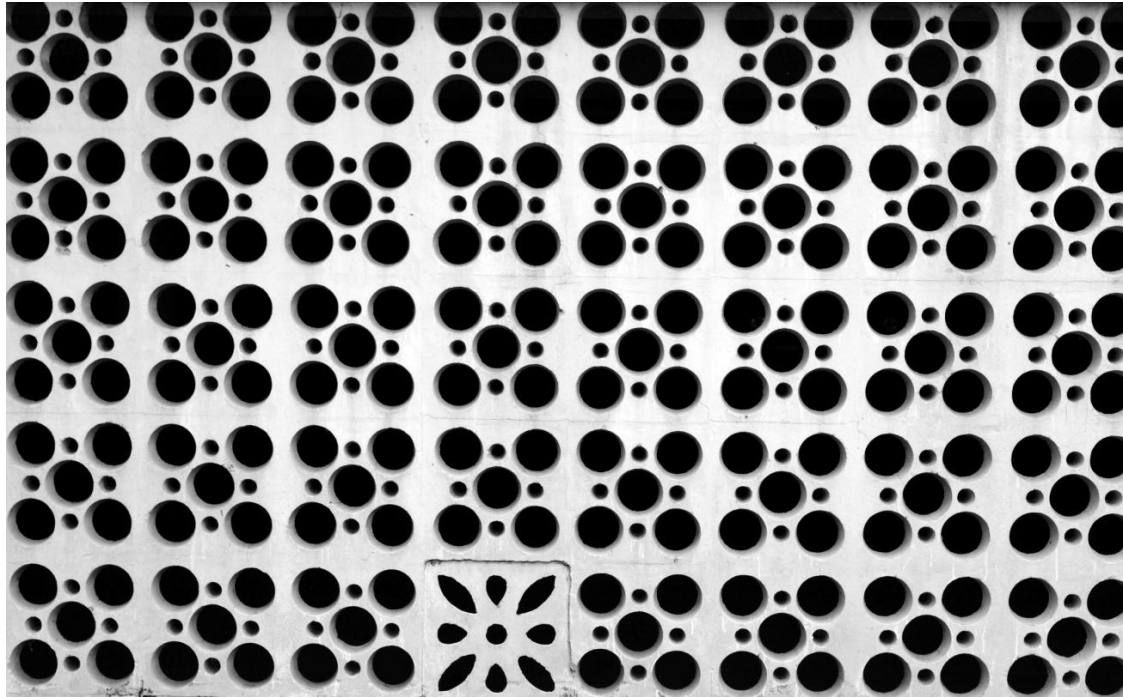


Figura 11 - Joana Campelo - *Uma Flor* - 2011.

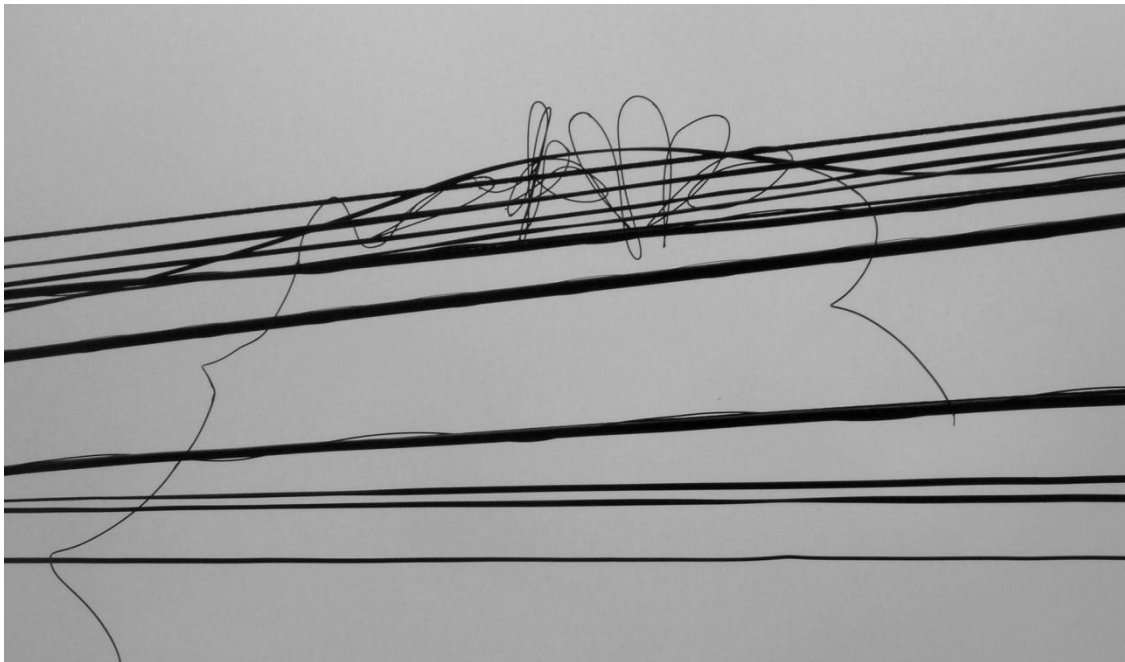


Figura 12 - Joana Campelo - *Emaranhados* - 2012.



Figura 13 - Joana Campelo - *Cubos Brancos* - Tríptico - 2012.

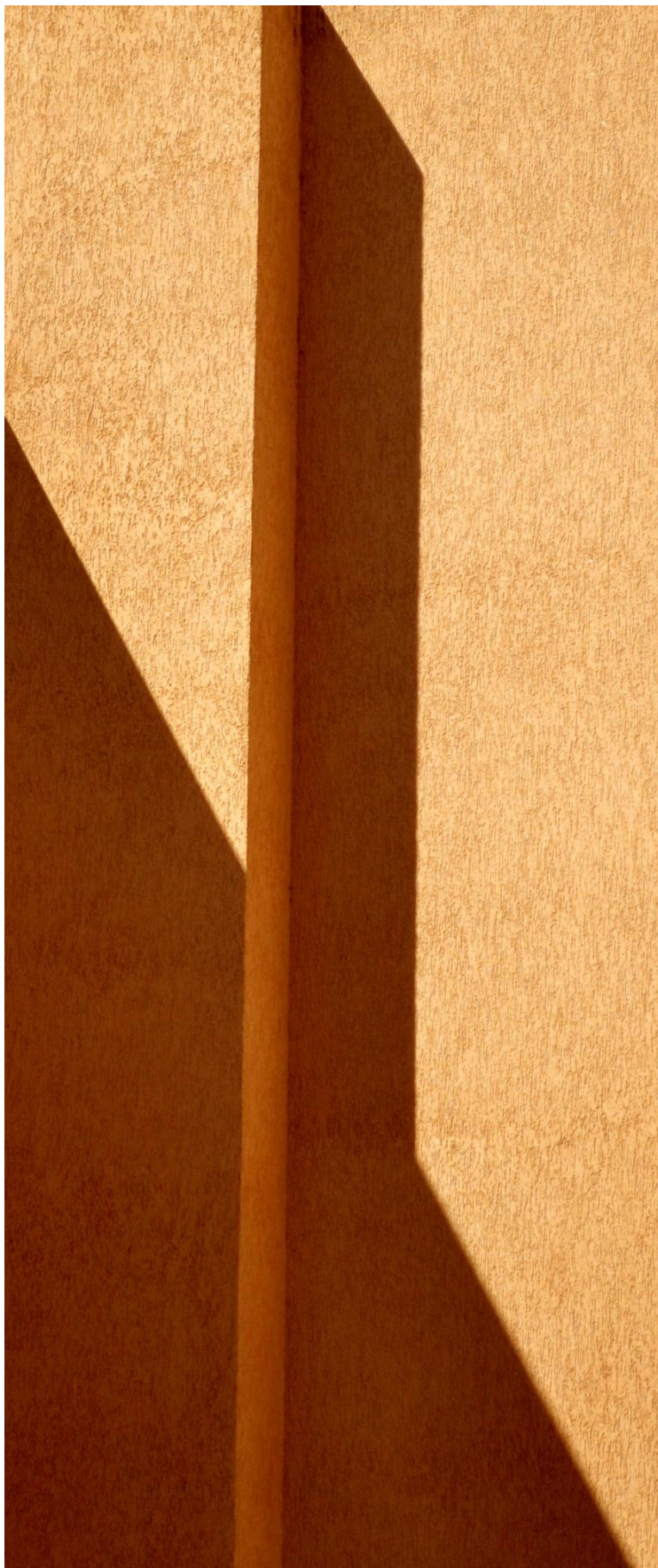


Figura 14 - Joana Campelo - Sem Título - 2012.

Nestas saídas a campo, também será dada uma atenção especial à obra do artista carioca Athos Bulcão, principalmente aos painéis de azulejos, um exemplo de integração entre arte e arquitetura, presente em diversos espaços públicos de Brasília, como o Parque da Cidade, a Igrejinha (Igreja Nossa Senhora de Fátima), escolas, prédios residenciais, etc.

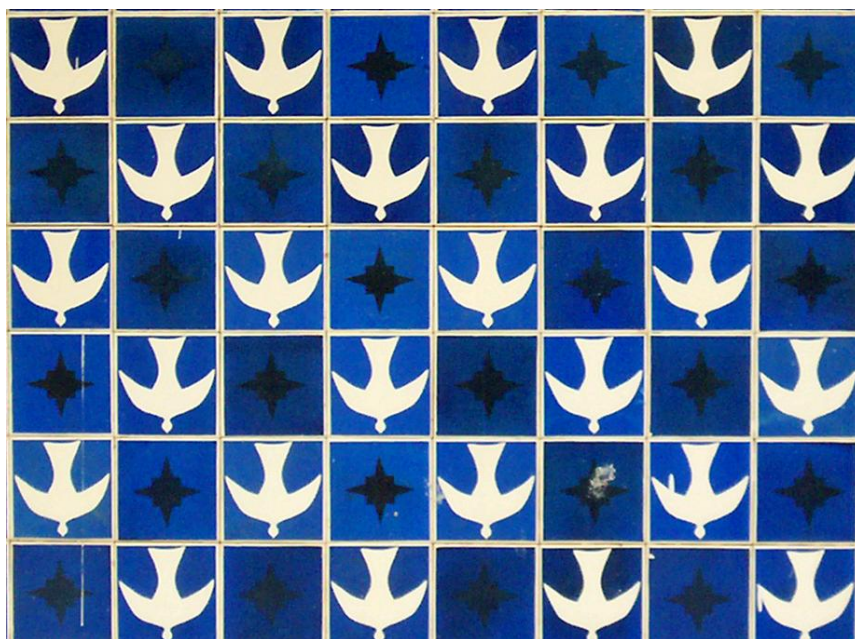


Figura 15 - Athos Bulcão - *Painel de azulejos da Igreja Nossa Senhora de Fátima* - 1957.

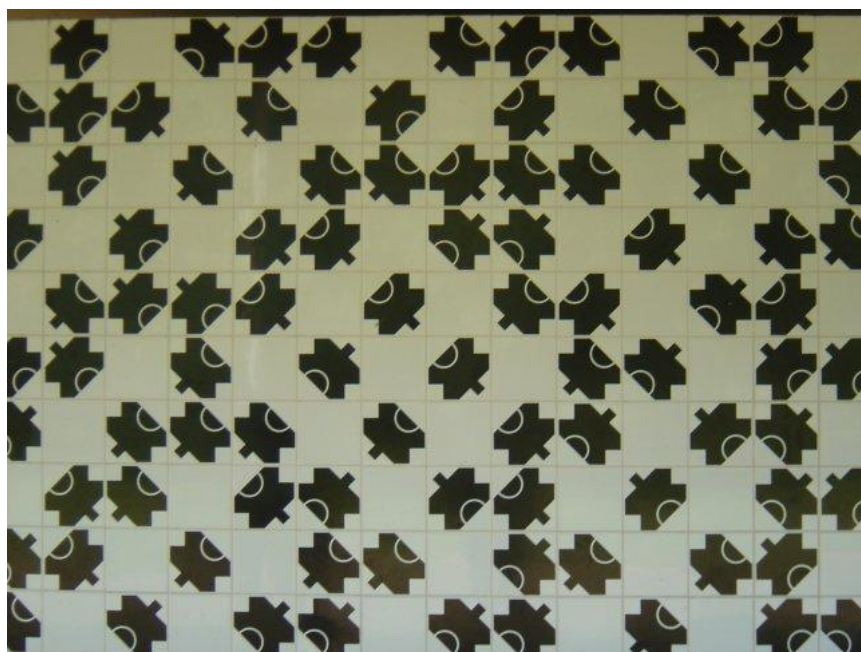


Figura 16 - Athos Bulcão - *Painel de azulejos do Parque da Cidade* – Brasília - 1985.

Após a etapa de captura de imagens será proposta a fruição dos trabalhos, que inclui a observação, apreciação e seleção de imagens, etapa que também contribui para a formação do olhar e pensamento crítico. Cada aluno deve observar e analisar os resultados alcançados por ele e por seus colegas, se tornando uma forma de estimular o intercâmbio entre diferentes modos de ver e de capturar o ambiente ao seu redor, e ao mesmo tempo, exercitar o senso crítico na escolha de imagens e sobre o conteúdo das imagens, seja ele puramente artístico ou também sociopolítico.

Também serão realizadas duas aulas para introduzir o corpo discente à técnica de manipulação de imagens com utilização das ferramentas do programa computacional de edição de imagens *Adobe Photoshop*, a fim de atualizar o aluno com este tipo de instrumento que pode dar um novo tratamento e um acabamento diferenciado às imagens, bem como a uma nova forma fotográfica.

Por fim, será feita uma exposição coletiva, na própria escola, com os trabalhos realizados e selecionados pelos alunos sob minha orientação. A exposição dá uma visão geral das imagens, que ganham força e importância e adquirem outra dimensão quando dispostas em conjunto. O ato de expor possibilita novas discussões artísticas, sobre o olhar, o tamanho, o objeto fotografado, a técnica empregada, assim como discussões políticas e sociais (sobre as vivências do espaço urbano).

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente proposta educacional teve como ponto de partida uma pesquisa fotográfica que se iniciou no projeto de Diplomação, com habilitação em Bacharelado, do curso de Artes Visuais da Universidade de Brasília e aprofundou-se no trabalho de Mestrado da linha de pesquisa *Poéticas Contemporâneas* do Programa de Pós-Graduação em Arte da mesma universidade.

O interesse e o fascínio pela fotografia e o envolvimento com a cidade estão entrelaçados na minha experiência e nesta pesquisa. Meus primeiros contatos com a fotografia ocorreram muito cedo. Fotografar como hobby faz parte de minha rotina desde os primeiros anos da adolescência. Captar, colecionar e compartilhar momentos, paisagens e pessoas eram modos de mantê-los vivos na memória. Fotografava, então, tudo o que me chamava atenção e atraía, sem ter, entretanto, a consciência nítida do que estava buscando e de tudo que já havia sido explorado e desenvolvido na área. Posteriormente, identifiquei uma tendência que, além de manifestar-se com mais frequência, me proporcionava resultados de especial significado em minha caminhada: o interesse em registrar cenas urbanas que fazem parte do cotidiano, com ênfase na arquitetura de Brasília.

Ao longo de minha trajetória acadêmica, meu contato com a fotografia se aprofundou. No plano teórico, evoluiu para uma pesquisa mais consciente e elaborada, que se respaldou em elementos e dados históricos, filosóficos e estéticos. Do ponto de vista prático, ampliei minha experiência ao experimentar técnicas variadas como fotogramas, *light painting* e *pinhole*, inclusive algumas mais recentes como a fotografia digital e edição de imagens. Por sua vez, o exercício de fotografar aprimorou o olhar e os critérios se tornaram mais seletivos na escolha e leitura de imagens.

Ao imergir no campo da educação, no curso de Licenciatura, surgiu a vontade de compartilhar meu interesse pela fotografia em sala de aula, unindo assim minha experiência pessoal à arte-educação, com o objetivo de despertar no corpo discente um novo olhar à cidade que nos cerca.

Dessa forma, realizei esta proposta de ensino, a partir de conteúdos que se inter-relacionam, com o objetivo principal de fazer o aluno rever o espaço ao seu redor a partir de novas experiências e intervenções, ponto que dialoga com o movimento Internacional Situacionista. Trata-se de explorar novas formas de apreensão da cidade

e despertar no aluno a vontade de descobri-la, de vagar sem rumo definido por ela, percebendo-a, captando-a, e assim não só gerar resultados interessantes, mas tornar-se apto para explorar sua capacidade de criação, sua sensibilidade artística e seu olhar crítico. A proposta está vinculada à paisagem urbana de Brasília, às suas características arquitetônicas e à sua evolução social nas suas seis décadas de história.

ANEXO

PLANO DE AULA

Carga-Horária: 20 horas (uma aula semanal com duração de 2 horas cada aula).

Objetivo Geral: Propor a linguagem fotográfica como ferramenta didática e experimental a partir do desenvolvimento de atividades educacionais, como por exemplo a contextualização teórica e as saídas a campo, e relacioná-la a diálogos de conteúdos sociais, culturais, artísticos e históricos.

Objetivos Específicos:

- Estimular no corpo discente o desenvolvimento de um olhar crítico e de um pensamento artístico.
- Familiarizar o corpo discente com a linguagem fotográfica.
- Incentivar a sensibilidade artística e a criatividade para que o aluno esteja apto a criar, construir e apreciar novas formas artísticas.

Metodologia: Aulas expositivas, saídas a campo e experiências práticas.

Recursos e equipamentos: Sala de aula, computador, de preferência com data show para apresentação de imagens e slides em *PowerPoint* e para atividades de edição de imagens no *Photoshop*.

CRONOGRAMA:

1º Aula: (Aula teórica) História da fotografia de um ponto de vista técnico. Desenvolvimento dos equipamentos fotográficos.

2º Aula: (Aula prática) Confeccção de câmara escura artesanal e experimentação do material confeccionado.

3ºAula: (Aula teórica) História da fotografia de um ponto de vista artístico. A linguagem fotográfica em diferentes épocas. A fotografia contemporânea. Apresentação de diversas imagens atuais, com ênfase na fotografia urbana.

4ºAula: (Aula teórica) História de Brasília. Paisagismo, urbanismo e arquitetura. Questões e problemas atuais da cidade.

5ºAula: (Aula teórica) Abordagem de conteúdos que se relacionam com o projeto como percepção, paisagem urbana e Internacional Situacionista.

6º Aula: (Aula prática) Saídas a campo. Visita a exposições em museus e galerias da cidade como o Museu da República, Centro Cultural Banco do Brasil, Caixa Cultural, etc.

7º Aula: (Aula prática) Saídas a campo. Visitas a monumentos arquitetônicos modernos de Oscar Niemeyer, a esculturas de Alfredo Ceschiatti e Bruno Giorgi e painéis de azulejos de Athos Bulcão.

8º Aula: (Aula prática) Saídas a campo. Passeio por quadras residenciais, como a SQS 107 e 108, quadras projetadas por Niemeyer, a SQS 308 pensada por Lúcio Costa e com projeto paisagístico de Burle Max, setores comerciais, bancários, ruas e passarelas de Brasília.

9º Aula: (Aula prática) Introdução à edição de imagens com a utilização do programa computacional de edição de imagens *Adobe Photoshop*.

10º Aula: (Aula prática) Análise de resultados. Fruição e seleção das imagens feitas pelos alunos. Montagem da exposição do trabalho fotográfico realizado pelos alunos.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

BERENSTEIN, Paola. *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2003.

COLETIVO BADERNA. *Situacionista - Teoria e Prática da Revolução*. São Paulo: Conrad livros, Editora do Brasil, 2002.

DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico e outros ensaios*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993. (tradução de Marina Appenzeller)

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos Sociais e Educação*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

HOME, Stewart. *Assalto à cultura - Utopia – Subversão - Guerrilha na arte do século XX*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 1999.

LEI de DIRETRIZES e BASES, Lei nº 9394/96.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 23º Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: Ed. Marca d'Água, 1998.

PARÂMETRO CURRICULAR NACIONAL, 1997.

VANEIGEM, Raul. *A Arte de viver para as novas gerações*. Conrad livros, Editora do Brasil, 2002.

PLANO de AULA				
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDOS	HABILIDADES e COMPETÊNCIAS	PROCEDIMENTOS	AVALIAÇÃO
<p>1. Estimular no corpo discente o desenvolvimento de um olhar crítico e de um pensamento artístico.</p> <p>2. Familiarizar o corpo discente com a linguagem fotográfica.</p> <p>3. Incentivar a sensibilidade e a criatividade artística.</p>	<p>1. História da fotografia dos pontos de vista técnico e estético.</p> <p>2. História de Brasília. Criação, planejamento e desenvolvimento.</p> <p>3. Apresentação do Movimento Internacional Situacionista</p> <p>4. Abordagem de conceitos como percepção e paisagem urbana.</p>	<p>1. Estar apto para criar, construir e apreciar novas formas artísticas com ênfase na fotografia.</p> <p>2. Desenvolver</p>	<p>1. Aulas expositivas.</p> <p>2. Saídas a campo em galerias, monumentos, quadras e periferias da cidade.</p> <p>3. Utilização de Programas Computacionais para Edição de imagens.</p> <p>4. Fruição e seleção das imagens obtidas pelos alunos. Montagem da para exposição coletiva no ambiente escolar e virtual.</p>	<p>1. Participação e interesse dos alunos nos exercícios propostos.</p> <p>2. Análise dos resultados</p>